

Fotos: Divulgação



AGRODIÁRIO

Cacau ganha mais investimentos na região Noroeste

Novos caminhos para a produção de cacau

Empreendimentos de agricultores e projetos de instituições abrem espaço para manter fortalecida a cadeia do cacau no Noroeste paulista; programa conta ainda com treinamentos da Embrapa

Cristina Cais
Especial para o Diário

O caminho do cacau começou na Amazônia, região originária da planta, percorrendo primeiro os países da América Central e do México para chegar até o estado da Bahia, o principal produtor brasileiro do fruto há alguns anos. Atualmente, o plantio de cacau ganhou contornos neste caminho, até chegar, em 2021, às lavouras do Noroeste paulista. Atualmente, os projetos de instituições se multiplicaram, atraindo mais produtores da região para o negócio, com empreendimentos para a fabricação de chocolate nas fazendas.

Hoje são mais de 300 hectares de área plantada de cacau, distribuídos em 30 municípios do Noroeste e que reúne 40 produtores que plantaram o fruto, conforme dados da Secretaria estadual de Agricultura. E os produtores investiram não apenas no plantio mais já estão produzindo o chocolate, como na região de Catanduva, na fazenda de Mônica Munhoz.

“Em 2012 vimos que o cacau

seria uma opção para diversificar a produção de seringueiras, já estabelecida na região Noroeste. Fizemos os primeiros contatos com especialistas da Bahia e, em 2021, plantamos uma área experimental na cidade de Nova Granada”, conta o diretor regional da Coordenação de Assistência Técnica Integral (Cati) de Rio Preto, Fernando Miqueletti.

PROJETOS

Com a expansão da cultura, outras cidades paulistas também estão prevendo a produção de cacau, após a Secretaria criar o projeto Cacau SP. Nas fazendas do Noroeste, o volume do fruto produzido ainda é pequeno, apesar de a região já contar com o plantio de cacau em uma propriedade de Tabapuã. Nesta propriedade, as amêndoas são processadas e enviadas para uma grande indústria brasileira de chocolate. Além da matéria-prima para a guloseima, o produtor também está ampliando o negócio, com a fabricação da aguardente de cacau.



Mônica Munhoz cultiva cacau e está animada com a fabricação do chocolate

De acordo com o agrônomo Andrey Vetorelli, da Cati de Rio Preto, o cacau é uma planta originária da região amazônica e foi acomodado no conforto de uma mata, adaptado depois para a cabruca, um espaço aberto em mata. “Hoje, em áreas não tradicionais, como a nossa, temos que facilitar o desenvolvimento do cacau, com a exposição ao sol, porém com o sombreamento de bananeiras, das seringueiras e de ár-

vores quebra-vento”, explica.

Para a agricultora Mônica Munhoz, antes mesmo de o cultivo atingir o estágio mais avançado dos frutos, a fazenda abriu espaço para o início, desde o ano passado, da fabricação do chocolate artesanal, que está sendo comercializado na região.

“Estamos muito animadas com o cacau, que é um desafio e uma nova opção até para pequenas áreas da região. A princípio, plantamos em uma área

Pesquisadores na região

Entre os investimentos para fortalecer a cadeia produtiva do cacau no Noroeste paulista, estão sendo realizados, desde o ano passado, treinamentos em campo com a participação dos pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), voltados para a cultura do fruto. A iniciativa foi da Cati de Rio Preto, para treinar os técnicos e profissionais que trabalham na região e que estão orientando os produtores de cacau sobre os sistemas de plantios agroflorestais.

Segundo o pesquisador da Embrapa, Ricardo Pezzopane, as palestras foram específicas para o sistema integrado entre lavoura e floresta. “Como tem a cultura do cacau na região e o consórcio entre a seringueira, a banana e as árvores que fazem o quebra-vento no entorno, estamos levando conhecimento sobre o manejo do sistema integrado, que pesquisamos na Embrapa, aos técnicos da Cati”, afirma.

Ele conta que no projeto, os produtores e os profissionais da Cati escolheram a árvore Corymbia tolieriana, que é uma espécie de eucalipto, para plantar ao redor da lavoura, fazendo uma proteção, conhecido como quebra-vento, para as plantas de cacau. “Além de ter um crescimento rápido, a corymbia poderá ser usada (a madeira) na propriedade ou como renda para o produtor, já que essa árvore pode ser replantada após a poda”, diz o pesquisador.

de pastagem, com plantas nativas, em consórcio com a plantação de bananas nanica e prata. Mas este ano já reservamos outra área que era de cana-de-açúcar”, conta a produtora ao comentar que está investindo na expansão da cultura.

Projetos envolvem instituições

A criação de política pública, com o Projeto Cacau SP, abriu espaço para ampliar a cadeia produtiva da cultura na região de Rio Preto. Para isso, novos projetos precisam de recursos financeiros e, segundo o diretor de agronegócios da Associação Empresarial (Acirp), André Seixas, as possibilidades se ampliam e estão resultando no fortalecimento

do cacau no Noroeste paulista.

“A plantação do cacau ainda é inicial, mas as oportunidades de negócio são muitas, com produtores que já estão fabricando o chocolate, a aguardente artesanal de cacau, o turismo na região de Mendonça e também o fornecimento do chocolate para a merenda escolar”, diz André. Com toda a evolução dos empreendimen-

tos, André ainda destaca que apresentou para a Secretaria estadual de Desenvolvimento Econômico o projeto para adquirir recursos financeiros para a cultura do cacau.

André não apenas apresentou o projeto do cacau para o assessor especial da pasta, mas mostrou a produção do fruto no campo. “A nossa reunião com a Secretaria estadual de

Desenvolvimento Econômico foi mostrar todas as nossas conquistas e o Felipe (assessor) gostou muito do que viu na região, porque há o interesse de investimentos no turismo rural. E o objetivo específico é conseguirmos financiamento para o projeto”, afirma André.

O diretor de agronegócios da Acirp pontua ainda que o cacau é uma excelente alter-

nativa para a diversificação de culturas nas propriedades rurais. “E nós temos todas as habilidades para continuarmos com as plantações, tanto da parte técnica, agrônômica quanto a viabilidade econômica para os plantios de cacau. Mas precisamos de recursos financeiros para São Paulo continuar produzindo o fruto”, ressalta.